

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A ECONOMIA INFORMAL DA RECICLAGEM DO LIXO DE PORTO ALEGRE E SUA DIMENSÃO SOCIOAMBIENTAL

Diego Coletto

Rosa Maris Rosado

Boletim Gaúcho de Geografia, 33: 169-189, dez., 2007.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37434/26165>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2007

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A ECONOMIA INFORMAL DA RECICLAGEM DO LIXO DE PORTO ALEGRE E SUA DIMENSÃO SOCIOAMBIENTAL ¹

Diego Coletto²
Rosa Maris Rosado³

Resumo

As reflexões propostas neste artigo se referem à descrição e interpretação da microestrutura das relações econômicas informais e buscam analisar as práticas sociais cotidianas que dela emergem. Tal abordagem permitiu tanto evidenciar os processos através dos quais os atores sociais tentam reconstruir suas vidas no trabalho cotidiano com lixo, quanto as suas táticas buscando resistir a processos excludentes. A partir da análise empírica, observa-se dispositivos que aparecem como um tipo de resistência. Por meio de maneiras singulares de organização, os catadores vão estabelecendo redes a partir das quais estabelecem seus territórios cotidianos, valorizando não somente os materiais que trabalham, mas reciclando suas próprias existências. Estas práticas cotidianas geram possibilidades interessantes de diálogo entre os aspectos da economia informal e aspectos socioambientais da reciclagem de lixo.

Palavras-chaves: economia informal - cotidiano - catadores de lixo - desenvolvimento local - incorporação.

THE INFORMAL ECONOMY OF THE RECYCLING OF GARBAGE OF PORTO ALEGRE IN ITS SOCIOENVIRONMENTAL DIMENSION

Abstract

The present paper describes some of the daily actions done by the scrap materials' collectors in Porto Alegre, explaining micro-foundations of the informal economic relationships that characterise this economic ambient and analysing the social practices that carry the economic transitions. The study focuses on the concrete situations where social actors operate, on the effects of the interactions among them, and on the continuous mixing of formal and informal factors in the actions' structures. This approach emphasises the

¹ Artigo, enviado em 30 de junho de 2007, elaborado a partir da apresentação no X Colóquio Internacional de Geocrítica: *los problemas del mundo actual. soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales*, realizado em Porto Alegre, de 28 de maio a 1º de junho de 2007.

² Assegnista di ricerca presso il Dipartimento di Studi del Lavoro e del Welfare Università degli Studi di Milano - diego.coletto@unimi.it

³ Doutoranda do PPGGEO/UFRGS - rosadomar.geo@gmail.com.br

processes through which the social actors try for constructing again their life, withstanding the social and economic exclusion. In particular, the empirical evidence shows how social practices - and, especially, some forms of grassroots organisations - contribute to improve the living and working conditions of the scrap materials' collectors, favoring the creation of unexpected conditions of social and economic development.

Key-words: Informal economy - social practices - scrap materials' collectors - local development - embeddedness.

Introdução

A necessidade de compreender a complexidade presente no cotidiano da reciclagem do lixo de Porto Alegre determinou o primeiro passo na elaboração deste artigo. A cidade apresenta um Programa de Coleta Seletiva desde 1990. Este programa insere-se no Sistema de Gerenciamento Integrado dos Resíduos Sólidos adotado pela cidade, que tem sido referência para várias cidades da América Latina⁴. A atividade de catação de lixo, muitas vezes, não é percebida na sua complexidade, isto é, não somente por meio dos processos econômicos e ecológicos, mas, também, políticos, sociais e culturais a ela ligados, que são constituidores e possibilitadores da própria existência da categoria catador. As reflexões propostas neste artigo se referem primeiramente à descrição e interpretação da microestrutura das relações econômicas informais, partindo, posteriormente, para a análise das práticas sociais cotidianas que dela emergem. Buscamos com tal abordagem evidenciar os processos através dos quais estes atores sociais tentam reconstruir suas vidas no trabalho cotidiano com lixo, buscando com suas táticas resistir a processos excludentes.

A expressão “economia informal” - utilizada, pela primeira vez, por Keith Hart, em uma pesquisa sobre atividades econômicas urbanas, desenvolvidas por uma específica tribo na cidade de Accra, em Ghana (HART, 1973) - indica um conjunto heterogêneo de processos de produção, trocas de bens e serviços, que tendem a se afastar do setor formal da economia, por uma ou mais peculiaridades, quais sejam as normas do direito fiscal comercial, do trabalho e, em alguns casos, as regras de mercado e os interesses pelo lucro (BAGNASCO, 1986). A partir dos anos setenta do século passado, as abordagens teóricas e empíricas sobre o tema se sucederam com maior sistematicidade, tentando traçar limites da economia informal que fossem claros e válidos em contextos sociais, políticos e econômicos muito

4 Tendo sido escolhida pela ONU, em 2000, para coordenar o Grupo de Trabalho em Resíduos Sólidos do Programa de Gestão Urbana para América Latina e Caribe.

diferentes entre si⁵. Apesar dos esforços teóricos e empíricos, os critérios de definição não se conciliavam dada a heterogeneidade e complexidade de contextos que a pesquisa empírica trazia à tona. A ambição de encontrar uma definição única para economia informal - e talvez uma explicação única do fenômeno - não tem produzido os resultados esperados, mas tem, de qualquer forma, contribuído para aumentar o interesse “por uma outra economia”, favorecendo a difusão de pesquisas empíricas seja no Norte, seja no Sul do mundo. A heterogeneidade da economia informal, emergente da pesquisa empírica desenvolvida em diferentes contextos no mundo, tornou as explicações cada vez mais difíceis e superficiais por parte de uma única disciplina, ou seja, a economia. De fato, nem o paradigma parcimonioso do indivíduo isolado, movido exclusivamente pelo interesse material⁶, nem uma visão estrutural da economia informal, como segmento de reprodução do modelo hegemônico de sociedade⁷, conseguiram fornecer uma explicação convincente para a informalidade. Do ponto de vista teórico, as incertezas, que tomaram a teoria econômica no que concerne a sua capacidade de dar conta da economia informal, têm apontado à necessidade de um intercâmbio efetivo entre as áreas do conhecimento. Este esforço de cooperação se traduziu, essencialmente, no uso de múltiplos instrumentos interpretativos provenientes das outras ciências sociais, tais com a sociologia, de onde parte a análise das redes sociais como mecanismos geradores situados no nível da ação e, sobretudo, a constante referência ao tema do *embeddedness* (POLANYI, 1957), ou seja, a *incorporação* da economia na sociedade.

Indo além das fronteiras de uma única disciplina, a pesquisa da economia informal saiu certamente enriquecida ainda que a análise indutiva de fenômenos específicos que se reproduzem em contextos particulares poucas vezes permitiu sucesso no processo de relativização que inicia com a constatação de que, por meio de fatos singulares, pode-se chegar a afirmações gerais. De fato, centrar a atenção em situações concretas do cotidiano, em contextos particulares, pode induzir o pesquisador a concentrar

5 Em tal sentido, o dualismo setor formal/informal introduzido pela Organização Internacional do Trabalho, no início dos anos setenta, pode ser considerado uma tentativa de definição única do conceito economia informal, a que teve mais sucesso (ILO, 1972). De outro modo, um outro dualismo que contribuiu para a visibilidade da economia informal é aquele entre legalidade e ilegalidade, que foi utilizado na metade dos anos oitenta pelo economista peruano Hernando de Soto (1989). Para uma síntese das principais abordagens teóricas e empíricas sobre o tema da economia informal, veja Lautier (2004) e Portes, Castells, Benton (1989).

6 É a disciplina econômica que introduz, e desenvolve com sucesso, o paradigma do agente econômico a-socializado, onisciente e exclusivamente movido pelo interesse material (o famoso *Homo economicus*) para explicar os fenômenos econômicos e sociais.

7 Diferentes são as abordagens teóricas que desenvolveram uma visão estrutural da economia informal. Por exemplo, até os anos sessenta, muitos eram os estudiosos e especialistas da “economia do desenvolvimento” (HIRSCHMAN, 1983) que interpretaram a economia informal como uma “passagem intermediária” entre uma sociedade tradicional e uma sociedade moderna, de tipo capitalista. Nos anos setenta, a Organização Internacional do Trabalho introduziu e desenvolveu uma representação da economia informal como segmento destacado do circuito oficial da economia, mas, ao mesmo tempo, funcional para reprodução do modelo capitalista de sociedade (ILO, 1972).

a análise exclusivamente no comportamento dos indivíduos (no nível “micro”), perdendo de vista aquilo que se quer realmente explicar. Vale dizer, portanto, que o fenômeno, enquanto unidade (ao nível “macro”), não deriva somente da soma dos comportamentos individuais, mas, sobretudo, das práticas cotidianas estabelecidas em tal grupo social.

Levando em conta os limites e os riscos deste tipo de análise, a partir dos anos noventa do século XX, o método de pesquisa empírica, que desfruta plenamente de instrumentos provenientes das diversas disciplinas (como a sociologia, a antropologia e a geografia), tem sido utilizado com maior frequência. Este método tem aprofundado, ainda que parcialmente, o processo de conhecimento deste fenômeno complexo, que vai além do ponto de vista econômico e social. A evidência empírica fez emergir as contradições e a processualidade que caracterizam e diferenciam os múltiplos tipos de economia informal, abrindo a análise às potencialidades, normalmente inesperadas, que podem emergir da sua prática. A atenção, em particular, esteve frequentemente centrada nos recursos empregados pelos atores sociais nos diversos tipos de economia informal e nos diferentes modos com os quais utilizam recursos que são (ou podem ser) empregados para promover sua subsistência⁸.

O emprego de *trocas simbólicas*⁹ (não econômicas) levanta novas questões relativas à interação em rede de relações em que se inserem os atores sociais e a possibilidade destes modificarem as suas estruturas, favorecendo novos efeitos emergentes. Isto nos permite dar ênfase a múltiplos caminhos para o desenvolvimento local. Portanto, seguindo este importante e promissor campo de pesquisa, buscamos aprofundar o conhecimento de um fenômeno singular da chamada economia informal - a atividade da catação de *lixo*¹⁰ reciclável -, desenvolvida pelos catadores¹¹, em um contexto espacial específico do Sul da América Latina, mais precisamente na realidade urbana de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil).

8 Em particular, situações nas quais prevalecem transações econômicas de tipo informal, que foram interpretadas como algo que tem em si todas as possibilidades de um desenvolvimento específico, mas requer uma reinterpretação e mobilidade seletiva em função da modernização (entre outros, EVANS, 1996; LOCKE, 2003; NADVI e SCHMITZ, 1994; TENDLER, 1998).

9 Conceito de valor distintivo que permite explicar o universo social como um sistema de posições e oposições distintas (BOURDIEU, 1992).

10 Embora o nome tecnicamente correto seja resíduo sólido, optamos por nos referir ao *lixo*, por considerar relevante não esquecermos da relação que temos com nossos resíduos do dia a dia e conteúdo pejorativo que o termo carrega.

11 Diferentes são os termos usados, em toda a América Latina, para indicar aquelas pessoas que recolhem lixo reciclável: *pepenadores* no México, *cartoneros* na Argentina, *moscas* no Peru. No Brasil, são denominados catadores de materiais recicláveis. Neste artigo, o termo catador será usado por ser esta a forma como se auto-denominam. No entanto é por comodidade que se usará a desinência masculina do termo para indicar a categoria de trabalhadores e trabalhadoras em geral; embora se faz necessário destacar, que, no caso da realidade observada nas associações de catadores, as pessoas empenhadas em tal atividade são, na sua maior parte, do gênero feminino.

Sustentabilidade: o contexto da reciclagem

A sustentabilidade, mesmo com todas as dificuldades de definição teórica e de atuação prática, parece ser o principal desafio da contemporaneidade e que gira em torno de uma pergunta, ainda sem resposta: como sustentar, ainda por muito tempo, a vida no nosso planeta? Um maior número de informações científicas em relação ao estado atual da Terra tem sido difundido por fontes confiáveis: a maioria alerta à opinião pública e aos gestores públicos sobre os efeitos negativos derivados e, principalmente, a assídua e cada vez mais difundida busca por um crescimento econômico ilimitado e incentivo ao consumo exacerbado. Atualmente, os dados mais alarmantes se referem ao aquecimento global e à exaustão dos recursos energéticos utilizados que muitos especialistas prevêem possam ocorrer em poucas décadas, se o atual modo de consumo continuar manifestando-se¹².

Estes problemas e questionamentos, até há poucos anos atrás, diziam respeito a um número reduzido de pessoas mais sensibilizadas para as questões ecológicas e ativamente empenhadas no respeito às mesmas. Hoje, ao contrário, estas questões são preocupações ligadas, inclusive, ao desenvolvimento econômico, e a questão da sustentabilidade ambiental parece ter adquirido maior eco junto à opinião pública no nível global, tornando-se objeto de debate e escalando as posições mais altas nas agendas políticas dos mais importantes atores da governança global e nacional.

É nesse sentido que Milton Santos, ao propor uma periodização baseada na sucessão dos meios geográficos, identifica o momento atual como “meio técnico-científico informacional”. Para ele, este é um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia, e informação que fazem parte dos afazeres humanos, do cotidiano - são a base técnica da vida social atual (SANTOS, 1996). A informação passa, portanto, a ser variável fundamental no atual período de globalização, de constituição de um mercado global e de uma unicidade técnica planetária (SANTOS, 1994).

Este momento parece ter gerado uma profunda inquietação nos entendimentos, crenças e convicções sobre o estado da Terra. Fato que pode alterar o contexto econômico e social, mas de toda forma ainda é difícil avaliar até que ponto as novas e, cada vez mais, numerosas informações poderão influenciar as ações dos atores individuais e coletivos, favorecendo

12 Entre os documentos mais recentes e significativos relativos a saúde de nosso planeta, se assinala o *Geo Year Book 2007*, elaborado pelo Programa para o ambiente das Nações Unidas (Unep). O relatório evidencia as conexões entre a saúde dos ecossistemas, o bem estar da espécie humana e o desenvolvimento econômico; analisa uma nova linha de pensamento sobre o valor das funções dos ecossistemas e a ameaça da degradação planetária; e descreve conclusões recentes de pesquisa que deveriam incidir sobre as decisões políticas para uma mudança mundial.

uma mudança na visão *custo-benefício* de cada ator, de forma que reforcem a luta pela sustentabilidade planetária. Embora se saiba que a necessidade de mudança é urgente, esta ainda parece ser uma estrada longa e difícil para a definição e aplicação de mecanismos em condições de reduzir as chamadas *externalidades negativas*¹³ sobre o ambiente, derivadas das ações individuais e coletivas.

A maior circulação da informação tem produzido, de certa forma, algumas ações concretas direcionadas à conciliação entre o desenvolvimento econômico e a sustentabilidade planetária. Entre as medidas, a prática da reciclagem de *lixo* tem assumido grande relevância nos países economicamente mais avançados, assim como nos ditos países em fase inicial de desenvolvimento econômico. O sonho ecologista dos objetos que renascem das suas próprias cinzas parece agora estar impulsionado também por interesses econômicos que crescem à medida que aumentam os custos das matérias primas em função da exaustão dos bens naturais. A introdução de novas tecnologias tem facilitado, e tornado economicamente sustentável, a possibilidade de reciclar uma gama cada vez maior de materiais.

A reciclagem de *lixo* tem, portanto, assumido dimensões muito diferentes de um contexto para o outro, fazendo emergir na sua atuação também alguns paradoxos. Por exemplo, é interessante observar como a política que promove a reciclagem do *lixo* tem recentemente recebido novo impulso por parte de muitos governos dos países economicamente mais avançados. Neste sentido, a União Européia parece intencionada a assumir um papel de líder neste campo, assim como com relação ao tema do clima, promovendo intervenções inspiradas na idéia de promover o *lixo* a uma “mina de matérias primas”, sem evidentemente, trazer à tona a questão da necessidade de reduzir o consumo. Ainda que com diferenças notáveis entre os países no que diz respeito à promoção e difusão da coleta seletiva de *lixo*, registra-se uma tendência geral à prática de soluções inovadoras para o reuso e a reciclagem dos chamados *materiais pós-consumo*. Apesar dos discursos em prol do ambiente, muitos dos esforços parecem orientar-se ao reforço do interesse econômico pela reciclagem do nosso *lixo*. Exemplos pontuais são inúmeros e difusos, e fazem da coleta seletiva e da reciclagem de *lixo* uma das intervenções mais avançadas em termos de sustentabilidade e de aplicação de novas tecnologias para a “preservação do ambiente”.

13 Uma externalidade ocorre em economia quando o impacto de uma decisão não se restringe aos participantes desta decisão. A externalidade pode ser negativa, quando prejudica os outros, por exemplo, uma fábrica que polui o ar, afetando uma comunidade próxima. Ou pode ser benéfica, quando os outros, involuntariamente, se beneficiam, por exemplo, com a melhora da eficiência em um determinado mercado (COASE, 1960, 1988; PIGOU, 1968).

Voltando o olhar para a América Latina, mais especificamente para o Brasil, percebemos que a *reciclagem*¹⁴ de *lixo* aparece em muitas realidades urbanas¹⁵. Entendendo a vida na Terra e seus limites, a “solução” a princípio seria fomentar a reciclagem, no entanto, não se incentiva a redução da geração dos resíduos sólidos e a mudança nos hábitos de consumo. Observa-se neste contexto uma maior preocupação com coleta, tratamento e destinação final do *lixo*, o que possibilitou a criação de *nichos* de trabalho e de geração de renda para os setores mais pobres da população urbana, *excluídos* do mercado formal de trabalho. Este processo é relativamente recente no país, mas vem crescendo vertiginosamente nos últimos anos, não somente na esteira do discurso do desenvolvimento sustentável, mas, sobretudo, como forma local de adequação à globalização¹⁶. Entretanto, deve-se apontar que a reciclagem industrial por si só não reverte o quadro da degradação ambiental, bem como, o da desigualdade social os quais temos visualizado atualmente.

Observando um pouco mais de perto este contexto, damos-nos por conta de que tal prática frequentemente está associada a aspectos econômicos e sociais contraditórios, entrecruzando objetivos ligados à questão ambiental, políticas sociais, formas de aproveitamento econômico, práticas econômicas de adequação a situações extremas decorrentes de processos *excludentes*.

Traçando o caminho: princípios metodológicos

Neste artigo, sintetizamos alguns aspectos que emergiram da experiência de observação empírica, do tipo participante, por meio de narrativas. A observação participante é definida por Schwartz e Schwartz (1955 *apud* MINAYO, 1998) como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação *face-to-face* com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário cultural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo

14 Aqui o emprego do termo *reciclagem* assume um outro significado, mesmo sabendo que tecnicamente não se refere somente a triagem dos resíduos, mas envolve todos os procedimentos desde a segregação na origem até as transformações estruturais dos materiais que incluem a lavagem, fundição, extrusão, etc; passamos a utilizá-lo referindo-nos a *catação* a fim de reafirmar a relevância do papel dos catadores neste processo como um todo.

15 Mas, em particular, desde os anos noventa que tais eventos iniciam e incluem sessões inteiramente dedicadas ao chamado desenvolvimento sustentável e as práticas para atuá-lo (entre as quais a *reciclagem do lixo*), focalizando a atenção nas realidades urbanas dos países economicamente mais pobres. A tal propósito, lembramos a Conferência Rio 1992, na qual foi assinada a Agenda 21: um documento que define as medidas a serem adotadas no nível global para tornar possível uma convivência sustentável entre o desenvolvimento econômico e a preservação, a auto-suficiência e a auto-organização dos ecossistemas em que os seres humanos vivem.

16 Para Heidrich (2004) a globalização não é uma força espontânea, mas encadeamento entre reestruturações econômicas, políticas governamentais que vem promovendo a transnacionalização, adoção de processo tecnológico e reestruturação organizacional nos sistemas de comunicação e transporte. Como etapa de um processo maior de integração no âmbito mundial, interfere também nas demais escalas de integração socioespacial, como no cotidiano de comunidades locais.

modificando e sendo modificado por ele. Na observação participante dos locais selecionados, concentrou-se o interesse não só na relação entre processo de trabalho dessas comunidades e alguns atores envolvidos neste processo, mas também nas representações e significados atribuídos a estes, vivenciados no cotidiano de trabalho com o *lixo*.

Como se origina o fenômeno da catação de material reciclável no Sul da América Latina? Quais são os processos que geram este entrelaçamento entre as dimensões econômica e socioambiental que, no seu aspecto unitário torna-se de difícil compreensão e avaliação? Para tentar responder, ainda que parcialmente, tais questões, decidimos voltar o olhar à microfundação do próprio fenômeno, aos processos interativos que o geram e permitem a sua reprodução, assim como às suas sementes de mudança. Conforme referimos anteriormente, a nossa atenção voltou-se principalmente aos atores sociais que operam em um contexto limitado no espaço urbano. Em nível “micro”, tecendo a análise, então, surgem indagações mais específicas que orientam o nosso percurso de pesquisa: Quais são as práticas cotidianas dos trabalhadores informais que sobrevivem “catando” *lixo*? Que relações sociais tais atores estabelecem no seu dia a dia de trabalho com o *lixo*? Que significado assumem as trocas econômicas informais cotidianas para quem as efetua? Mas, sobretudo: quando, e de que forma, os recursos deste tipo de economia informal podem ser mobilizados para favorecer caminhos de desenvolvimento local e de emancipação social?

O ponto de vista dos atores sociais tornou-se, então, o tema central principalmente através das narrativas de casos específicos, de fatos miúdos, pequenos, geralmente “invisíveis” à primeira vista, mas densamente entrelaçados, buscando as singularidades e tentando captar a essência humana da *reciclagem*. O objetivo desta pesquisa empírica é não somente a descrição do fenômeno dos catadores em Porto Alegre, mas a busca por compreender a relevância e a combinação de vários fatores que vão formar a lógica da situação: a formação de um *habitus catador* (BOURDIEU, 2000) e o papel da interação social nos quais estão submersos os atores, assim como as táticas empregadas para resistir aos processos excludentes e que influenciam seu comportamento individual e coletivo.

No entanto, alertamos que não há aqui qualquer ambição no que diz respeito à construção de um paradigma interpretativo aplicável a qualquer contexto de catação de *lixo*, mas a tentativa de narrar este fenômeno complexo a partir da interação com seus protagonistas - os catadores.

Decidimos analisar tais fatores seguindo um esquema que prevê primeiro a introdução da figura do catador que, em modalidades diferentes, desenvolve o próprio trabalho individualmente; em um segundo momento, serão revelados alguns fatores que determinam a ação coletiva dos atores

sociais que se organizam em formas associativas; enfim, na última parte, proporemos uma reflexão partindo de elementos emergentes da pesquisa empírica, focalizando a atenção nas relações entre economia informal, desenvolvimento econômico e aspectos socioambientais.

Catadores: estes agentes ambientais urbanos

Os catadores de materiais recicláveis, conscientes ou não, têm papel fundamental na re-inserção de materiais pós-consumo à cadeia de produção, realimentando-a, mas também contribuindo para a economia de energia e evitando a extração de bens naturais, sabidamente cada vez mais raros. Mas estes agentes ambientais urbanos seriam excluídos? A exclusão é um termo polissêmico e atualmente de uso muito polêmico no âmbito acadêmico, afinal pode referir-se a um conjunto muito diversificado de situações. Martins (1997) considera exclusão uma categoria imprecisa que pode levar a uma visão reducionista do problema, substituindo a idéia sociológica do processo de exclusão. Para este autor; *“rigorosamente falando, não existe exclusão, existem contradições, vítimas de processos sociais, políticos, econômicos excludentes, existe, sim, o conflito no qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo e seu mal-estar. As políticas atuais implicam na inclusão precária, instável e marginal”* (p.14).

Pensamos que não é possível considerar estes atores sociais como pessoas *excluídas*, já que desempenham um trabalho incorporado ao mercado e fazendo parte de uma cadeia produtiva em franca expansão - a da *reciclagem de materiais pós-consumo* - constituindo-se no elo *mais frágil*, estando, paradoxalmente, situado na base desta.

É pelas mãos dos catadores que, contraditoriamente, uma infinidade de materiais deixam de ser considerados *lixo* e retornam ao ciclo de produção como matéria-prima, reduzindo os gastos das indústrias, que, indiretamente, aumentam seus lucros. Através do trabalho destes homens e destas mulheres, estes materiais deixam de ser enterrados, aumentando a vida útil das áreas de destinação final (aterros sanitários) e, ainda, reduzindo a necessidade da extração de bens naturais não renováveis. O reconhecimento deste trabalho vem crescendo no Brasil nos últimos anos. Temos observado que os processos de organização dos catadores têm contribuído para este reconhecimento, garantindo-lhes espaços de participação em fóruns e debates sobre a temática dos resíduos sólidos, o que tem fortalecido a sua auto-estima. De acordo com a estimativa feita pelo próprio Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)¹⁷, no Brasil, há cerca de dois milhões de catadores de materiais recicláveis atuando nas ruas, nos lixões e organizados em

¹⁷<http://www.movimentodoscataadores.org.br/>

associações e cooperativas. Este novo movimento social urbano, formado no final da década de noventa, organiza a luta pelos direitos desta categoria e tem conquistado cada vez mais espaço no cenário nacional.

Carrinheiros e carroceiros

O fenômeno da catação de *lixo* é cada vez mais visível - para quem tiver olhos para ver - em muitas grandes cidades da América Latina e do Brasil, entre as quais Porto Alegre, a cidade dos primeiros Fóruns Sociais Mundiais, não é exceção. Na capital do Rio Grande do Sul, estima-se a existência de cerca de 7 mil catadores *avulsos*¹⁸ que atuam nas ruas da cidade e, ainda, cerca de 700 catadores organizados em associações.

Ao longo de estreitas e onduladas vias públicas da cidade, os catadores conduzem os seus carrinhos, recuperando material reciclável nos fundos dos estabelecimentos comerciais ou nas portarias dos grandes edifícios ou, ainda, nas calçadas, onde a população deposita sacos de plástico contendo *lixo*. As ruas são percorridas - desde as primeiras luzes da manhã até o final da noite - pelos carrinheiros (catadores que, com a própria força, puxam os carrinhos, normalmente de metal nos quais transportam os resíduos coletados), mas também por carroceiros (catadores que usam carroças movidas a cavalo).

Os primeiros momentos de observação evidenciaram, por exemplo, como na capital do Rio Grande do Sul os carrinheiros ocupam as ruas do centro praticamente durante todo o dia, enquanto os carroceiros estão presentes nas primeiras horas da manhã e no final do dia (a partir das 19 horas). Cotidianamente, ao longo da ponte do Guaíba, é fácil encontrar verdadeiras procissões de carroças: aquelas cheias de materiais que se dirigem lentamente até as ilhas, enquanto aquelas vazias, mais ágeis, voltam ao centro da cidade. Os meios utilizados pelos catadores podem ser variados: os carrinhos são, normalmente, muito similares entre eles, enquanto as carroças variam muito. Algumas destas, de fato, são construídas completamente em madeira, outras em ferro, outras ainda têm a parte traseira subdividida em diversos compartimentos onde podem ser colocados os diferentes tipos de materiais; muitas, ainda, têm uma série de ganchos que permitem aos condutores pendurar muitos sacos plásticos nos seus lados, de forma que aumente a capacidade de carga, muitas vezes negligenciando a segurança da condução do veículo na via pública.

Após a observação, seguiram-se contatos mais diretos com os catadores, ocorridos, inicialmente, através da intermediação de organizações e assessores técnicos que operam no contexto urbano, freqüentemente, em

¹⁸Consideramos catadores *avulsos* os trabalhadores que não fazem parte de nenhuma associação ou cooperativa, que atuam individualmente, tais como, carrinheiros, carroceiros e papeleiros.

âmbitos diferentes e, algumas vezes, não ligados estritamente à atividade de reciclagem de lixo urbano. As entrevistas com os catadores se repetiram, assumindo formas distintas: encontros repetidos com as mesmas pessoas se alternaram com conversas mais breves, desenvolvidas durante a atividade ou “roubadas” durante as paradas para descanso. De tal forma, com o transcorrer dos dias, emergiram sempre mais elementos relativos às condições de vida e de trabalho dos catadores de lixo, às suas histórias profissionais e às convenções sociais que influem nas suas práticas cotidianas, prestando particular atenção às relações sociais as quais participam.

Em geral, a atividade desenvolvida por estes atores sociais parece distinguir-se por um alto nível de incerteza, ligado, sobretudo, às precárias condições de trabalho e de vida dos sujeitos, além das peculiaridades características do mercado flexível de lixo reciclável (essencialmente, alta fragmentação e competitividade entre os que recolhem o lixo; alta concentração e menor competição entre aqueles que compram o lixo). A situação de precariedade econômica e social dos catadores parece estar acompanhada por um estado de forte segregação social, no qual a insegurança do “dia de amanhã” chega a ser permanente.

Um elemento comum a muitos destes atores é, acima de tudo, a extrema heterogeneidade dos seus históricos profissionais. Os catadores que desenvolvem desde muito tempo esta atividade não são muitos: é mais freqüente escutar histórias de percursos profissionais fragmentados, caracterizadas pela passagem, quase frenética, de uma atividade a outra. Estas se referem a trabalhos que não requerem uma formação profissional específica, pertencentes, sobretudo, à esfera da informalidade, mas também, em alguns casos, à esfera da economia formal.

Entre estes atores sociais, traços comuns se alternam com as diferenças, também significativas, que, freqüentemente, dizem respeito às demais esferas da vida. Para os carroceiros, por exemplo, o uso da locomoção animal parece ser um elemento importante na determinação da organização do trabalho e, pelo menos parcialmente, é visto como uma forma de “ascensão social” dentro da categoria. Os carroceiros têm condições de fazer várias viagens durante o dia e então recolher uma quantidade maior de material em relação aos carrinheiros. Com a força do cavalo, estes trabalhadores informais podem trazer mais lixo para suas próprias casas, nas quais realizam a triagem do material recolhido. Podem, assim, realizar a atividade de separação em um segundo momento e, conseqüentemente, podem recolher também o lixo não separado na origem, no entanto este apresenta, em geral, menor valor na venda. Geralmente, quanto maior quantidade de material recolhido, maior será a renda obtida: ainda que a variabilidade distingue os ganhos diários, tanto dos carrinheiros, quanto dos

carroceiros. Os ganhos dos carroceiros parecem ser significativamente superiores. Um carrinheiro, em média, ganha mensalmente aproximadamente R\$ 240,00, enquanto um carroceiro chega perto dos R\$ 600,00. Há comparativamente um maior ganho econômico dos carroceiros, porém há maiores custos, que correspondem, sobretudo, aos cuidados com o cavalo.

O gerador

Todos os carroceiros e carrinheiros, com os quais conversamos, afirmam visitar habitualmente fornecedores muito restritos, que podem ser tanto residências privadas, quanto estabelecimentos comerciais ou zeladores de prédios de escritórios e grandes condomínios. A criação de uma rede de relações interpessoais contínua permite aos catadores utilizar, de maneira mais rentável, os seus próprios recursos, reduzindo o risco de chegar no final do dia sem ter recolhido lixo reciclável suficiente para seu sustento e de sua família. As singularidades das redes de fornecedores de lixo reciclável parecem, portanto, influir significativamente no ganho dos catadores.

Os catadores contribuem para a fidelidade dos fornecedores, buscando adequar melhor o serviço de coleta às exigências do “cliente”. Normalmente, quem fornece o material reciclável estabelece o dia e a hora da retirada e, muitas vezes, não faz uma triagem do lixo, delegando-a aos carroceiros que, como já foi dito, têm maiores possibilidades em relação aos carrinheiros de usar a sua própria casa para separar o lixo recolhido (no entanto, o fato pode acarretar problemas em função da disposição inadequada de resíduos orgânicos, que trazem para junto de suas casas vetores de doenças). A possibilidade de recolher maiores quantidades de material nem sempre, porém, incentiva uma segregação mais cuidadosa do lixo por parte dos carroceiros, de forma que o material reciclável com menor valor é algumas vezes abandonado nas vias públicas, prejudicando a gestão urbana de resíduos.

Para adequar o itinerário de recolhimento, os catadores levam em conta as exigências dos próprios fornecedores, evidenciando, de certa forma, uma significativa adaptabilidade do serviço fornecido pelos trabalhadores e trabalhadoras informais. Tal adaptabilidade contrasta, em muitos aspectos, com a não adaptabilidade do serviço de coleta seletiva oferecido pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Porto Alegre (DMLU): para este é o gerador quem de fato deve se adequar às exigências ditadas pelo órgão público, principalmente em termos da disposição dos resíduos à coleta nos dias e horários previstos (embora, muitas vezes, esta previsão não seja cumprida por parte do próprio órgão). De uma maneira geral, os acordos informais que ligam catadores a geradores de lixo reciclável contribuem com a constituição de uma *contra-ordem social*, ainda que parcial e instável, na

qual os catadores de lixo desenvolvem, com maiores garantias, as suas atividades, favorecendo sua ocorrência na contra-mão da coleta institucionalizada e regulamentada pelo poder público local. Mas essas relações de confiança que limitam o elevado grau de incerteza da atividade informal dos catadores não se acabam, porém, na relação entre catadores e geradores de lixo.

O atravessador

Ligações de confiança, às vezes, de difícil compreensão, unem os catadores também aos, assim chamados, atravessadores. Do ponto de vista empírico, estes pequenos empreendedores, na maior parte informais, compram o material reciclável dos catadores (tanto dos trabalhadores individuais, quanto dos grupos organizados em associações, como veremos mais adiante) e usam uma tecnologia de base para realizar as operações de peso e redução de volume (prensando o material e dando-lhe a forma fardos). Alcançada uma determinada quantidade, revendem o material aos intermediários maiores, e esses vendem diretamente às indústrias que o transformam e o utilizam nos seus processos produtivos. As indústrias de reciclagem presentes no Estado do Rio Grande do Sul não são muitas e, na maior parte dos casos, trata-se de empresas de média e grandes dimensões, regularmente registradas¹⁹.

Nesta cadeia de produção, o intermediário desenvolve o importante papel de ligação entre a informalidade e o setor formal da economia, na interface entre os dois tipos de economia, é permeável a estas duas dimensões. Nesta interface, o material adquire um maior valor econômico, tornando-se, para o próprio intermediário, não somente fonte de subsistência, mas seguidamente também fonte de significativos ganhos econômicos. O atravessador compra o material dos catadores em dinheiro, e, normalmente, antes de vendê-lo, espera armazenar uma quantidade considerável de lixo reciclável, de forma que possa ter maior poder de barganha nas transações com intermediários. Para obter sucesso com tal estratégia, o atravessador deve ter uma certa disponibilidade de recursos financeiros, além de grandes espaços cobertos onde possa armazenar o material²⁰ e equipamentos, entre os quais prensas e balanças, para poder efetuar com um mínimo de eficácia as operações de estocagem. Para recuperar a maior quantidade possível de resíduos sólidos urbanos e para reduzir os custos de controle da qualidade do material, os atravessadores podem contar com a força de trabalho de um

19 Na região metropolitana de Porto Alegre estão presentes dois grandes pólos siderúrgicos que reciclam materiais ferrosos; uma empresa de grandes dimensões para a transformação de plástico de tipo PET; uma multinacional que produz lâ de vidro e duas empresas que produzem material de papel reciclado.

20 Geralmente, os atravessadores têm os seus próprios depósitos em posições geográficas estratégicas para as suas atividades comerciais, isto é, perto do centro da cidade ou nas grandes vilas de Porto Alegre.

significativo número de carrinheiros, aos quais emprestam os carrinhos, pedindo, em contrapartida, a certeza de que o material não seja vendido a outros. Tal relação de dependência econômica é reforçada pelo fato de que, freqüentemente, o atravessador dá crédito aos catadores em dificuldade e, em alguns casos, fornece a eles um lugar (barraco) no qual possam separar o lixo recolhido, consertar o próprio carrinho e também pernoitar. Para muitos catadores de lixo vindos do interior do Estado e jogados a própria sorte na capital pela miséria e pela necessidade de encontrar um trabalho, o atravessador transforma-se em uma espécie de “empregador” do qual dependem não apenas economicamente. Em certos casos, esta relação parece se transformar em uma “armadilha” difícil de escapar para a parte mais frágil, isto é, os catadores. Os traços negativos que caracterizam as trocas entre atravessadores e catadores são claramente percebidos por estes últimos, ainda que, nas suas representações, perceba-se alguns aspectos contraditórios. Muitos dos carrinheiros e carroceiros reconhecem o “excessivo poder contratual” que dispõem os atravessadores; por outro lado, porém, este representa para eles a única pessoa disposta a intervir, de maneira imediata e eficaz, para remediar as situações precárias e difíceis que, não raramente, se apresentam no seu cotidiano.

O alto grau de dependência que se estabelece é certamente favorecido pela posição desvantajosa dos catadores, mas também pela desagregação social que parece caracterizar sua vida. Com laços sociais precários e, em geral, com um forte sentimento de desconfiança em relação ao outro, quem trabalha individualmente parece tentar preservar suas “liberdades”. A condição de privação e as reduzidas possibilidades de escolha que os afetam cotidianamente não parecem ter reduzido o valor dado pelos catadores a tal sentimento de “liberdade”.

A realidade associativa

Em Porto Alegre, além dos carroceiros e carrinheiros que trabalham individualmente, há associações de catadores, que são entidades “autônomas”, com constituição histórica diversa, sendo que cada associação constitui um universo à parte, com características próprias e especificidades. Seu desenvolvimento como comunidade organizada também apresenta diferenças bem acentuadas e, portanto, diferentes trajetórias de crescimento enquanto organização autônoma e em termos de sustentabilidade do empreendimento coletivo. As primeiras associações que se formaram vinculadas ao Programa Municipal de Coleta Seletiva se constituíram a partir da organização de grupos de catadores que atuavam do Antigo Lixão da Zona Norte. Neste local, havia centenas de catadores sobrevivendo, em condições subumanas, dos resíduos dispostos inadequadamente. O Programa de Coleta

Seletiva dos resíduos sólidos domiciliares foi implantado na cidade, através do DMLU, em 1990. Iniciando no bairro Bonfim, e depois se expandindo para os demais bairros da cidade, o programa já chegou a recolher diariamente cerca de 70 toneladas de resíduos recicláveis. Atualmente, a Coleta Seletiva encaminha materiais às 13 associações distribuídas nas diferentes regiões da cidade, reduzindo o volume de resíduos destinados aos aterros sanitários.

A observação em profundidade evidenciou como uma mesma atividade pode trazer, na sua prática cotidiana, diferenças bem marcantes que contribuem para tornar mais complexa a descrição da realidade dos catadores na cidade de Porto Alegre. Aspectos distintos e similaridades existem entre as associações quanto à organização do trabalho, ao relacionamento com a coleta seletiva, aos processos de decisão, às formas de partilha, entre outros. Geralmente, a maior parte das horas trabalhadas se desenvolvem dentro do galpão da associação, já que a maioria das associações firmou um convênio com o DMLU, no qual se estabelece, entre outros aspectos, o número de cargas a receber diariamente - ou seja, parte do material reciclável recolhido pelo serviço oficial de coleta seletiva, gerido pela prefeitura. Em cada associação, os horários e a organização do trabalho, incluída a distribuição das tarefas, são decididos durante reuniões que ocorrem geralmente durante o horário de trabalho. O processo de decisão é de tipo “participativo”, ainda que, na prática, há enorme influência da necessidade da logística da coleta seletiva nas decisões do grupo. O material triado é vendido, geralmente, a cada 15 dias e o valor arrecadado pela venda é dividido entre todos os catadores de forma igualitária, respeitando a proporção das horas trabalhadas.

De uma maneira geral, a “solidariedade”, de diferentes formas, parece ser um elemento comum nas narrativas dos catadores visando à construir uma determinada ordem social no interior de cada associação. Tal “solidariedade” é promovida e construída através de práticas cotidianas e estratégias de ação que podem ser muito diferentes entre si. Por exemplo, o fator coesão em algumas associações assume uma forma inspirada em uma ideologia bem precisa, tal “solidariedade”, entretanto, é concebida e efetivada “de cima”, em outras, ao contrário, a sua forma parece decididamente mutável e de contornos pouco definidos, sendo construída “de baixo”. Em geral, parece, de qualquer forma, prevalecer o respeito às escolhas e aos interesses individuais, ainda quando estes possam representar obstáculos ou mesmo afetar a produção coletiva.

Múltiplas dimensões da catação nas associações

Os interesses e motivações que levaram estes catadores a agir coletivamente, ao invés de individualmente, parecem ser múltiplos e

variados, ainda que no interior de um mesmo grupo. O interesse econômico - entendido exclusivamente como interesse para geração de renda destinada à sua subsistência e de sua família - não é a única dimensão que influi nas escolhas destes atores sociais e, mesmo presente, esta dimensão não aparece isolada e preponderante sobre as outras dimensões. Se, por um lado, trabalhar em uma associação parece garantir melhores condições de trabalho do que o trabalho realizado individualmente, por outro lado, o montante das quotas individuais, distribuído aos membros das diferentes associações observadas, é inferior, em média, aos rendimentos registrados por quem trabalha sozinho. As diferenças econômicas são variáveis de acordo com o período e a forma como cada associação se organiza: de fato, as entradas mensais variam de R\$ 120 a R\$ 500. Entretanto, como notamos anteriormente, também os rendimentos médios dos carrinheiros e carroceiros se caracterizam por uma notável variabilidade, mas tendem a oscilar entre valores médios maiores (vão de R\$ 600 mensais, expressão do rendimento máximo obtido por um carroceiro, aos R\$ 130-150 mensais de um carrinheiro). A este fato se associa a sazonalidade do consumo, sendo os maiores ganhos correspondentes a períodos festivos, como o final do ano, por exemplo. A maior ou menor propensão ao risco não parece, porém, explicar de maneira satisfatória as escolhas dos catadores pelo trabalho individualizado ou coletivo: neste específico âmbito da economia informal, são de fato muitos os aspectos que intervêm tanto na determinação das escolhas, como no sucesso das transações por eles empreendidas.

Muitos dos catadores, empenhados nas associações visitadas, expressaram contentamento no que tange os benefícios materiais e imateriais que derivam das suas práticas cotidianas de trabalho com o lixo fazendo parte de um grupo. Tais benefícios parecem reduzir a incerteza e os riscos ligados ao trabalho e à vida de catador.

A renúncia da independência e da “liberdade” que proporciona o trabalho por conta própria é, freqüentemente, trocada por benefícios²¹ materiais que, em certos grupos, podem assumir dimensões e continuidades relevantes, pelo contexto de pobreza e da sazonalidade do consumo. Os *bens simbólicos* ligados ao pertencimento a um grupo não são quantificáveis, sendo imateriais, mas devem pesar fortemente neste renúncia. De fato, o pertencimento a uma associação para muitos catadores, cuja existência é marcada pela pobreza e extrema *exclusão social*, torna-se o primeiro passo de um processo de reconstrução tanto da confiança em si mesmo, quanto no outro. As formas de ajuda recíproca que nascem e se consolidam no interior

21 Embora nenhum destes catadores contribui mensalmente para a previdência. Isto significa que os associados, assim como todos os carrinheiros e carroceiros de Porto Alegre, não têm direito à licença saúde, previdência e indenizações por acidentes de trabalho.

destes grupos sociais favorecem um processo de articulação em redes de relações sociais cada vez mais amplas e estabelecidas entre sujeitos cuja existência parecia, em certos casos, estar caracterizada pela ruptura das relações sociais.

Tal processo não é de qualquer forma linear e os avanços e recuos ocorrem: muitos são os fatores internos e externos que podem influenciar as práticas cotidianas dos catadores e o êxito de suas estratégias de ação. O estudo do cotidiano destes catadores evidencia bem o estado ainda frágil e instável das garantias ligadas ao pertencimento a um determinado grupo. As experiências de vida, com frequência, carregam eventos trágicos do passado, que continuam a ter um peso importante na definição dos percursos de ação individual e coletiva, alimentando, no caso de muitos catadores, um forte sentido de desconfiança em si mesmos e em relação aos outros, o que torna ainda mais difícil a criação de formas alternativas de relacionar-se.

Apesar das incertezas e dificuldades ainda presentes nas distintas realidades das associações dos catadores de Porto Alegre, os efeitos emergentes, derivados das práticas cotidianas de tais grupos, parecem favorecer alguns processos de mudança que podem ir além das realidades associativas. Mesmo conservando um grau elevado de heterogeneidade, as associações de catadores de lixo conseguiram lançar mão de uma base comum sobre a qual podem construir uma forma mais ampla de representação dos seus interesses, isto é, a Federação das Associações dos Recicladores de Resíduos Sólidos do Rio Grande do Sul (FARRGS). Esta federação, pelo menos em alguns momentos, facilita a troca de informações e o conhecimento entre as diversas associações que aderem à mesma, favorecendo uma maior difusão da confiança interpessoal presente no interior de cada grupo e a realização de relações de cooperação que vão além de simples agregados de catadores. Apesar dos obstáculos, a FARRGS, durante certos períodos, conseguiu dar maior visibilidade às associações, promovendo um processo de legitimação que, combinado a outros fatores (quais sejam, uma maior atenção à questão socioambiental), parece ter sido favorecido por uma abordagem diferenciada do poder político local (pelo menos em um determinado período) a esta particular forma de economia informal, em certos aspectos fora do padrão geral²². Este tipo de interação entre as partes promoveu a atuação de novas formas de “colaboração”, que com todas as suas contradições, representou avanços nas organizações dos catadores. Os fatores mais favoráveis à mudança aparecem nas práticas cotidianas das organizações de catadores, que buscam ir além da mera sobrevivência. De tal forma, a ação das associações dos

22 Normalmente, a autoridade política que detém o poder legitimado pela lei tende a estar presente somente com finalidades repressivas nos âmbitos em que prevalecem transações econômicas que ocorrem fora do circuito oficial da economia e, então, do sistema de normas legais.

catadores tem contribuído para dissociar a imagem do catador de *lixo* daquele que sobrevive graças às políticas assistencialistas. As associações dos catadores tornaram-se vozes junto às autoridades políticas locais que, em determinados períodos, iniciaram um diálogo com estes atores sociais que trabalham neste âmbito da informalidade. O catador de fardo é perigo para a sociedade e para a ordem socialmente dominante parece tornar-se, com todas as barreiras a serem superadas, um ator que pode participar de forma ativa tanto para a melhoria das próprias condições de vida, quanto para repensar uma política de coleta seletiva de resíduos urbanos que concilie de maneira mais eficaz as suas múltiplas dimensões, ressaltando a econômica e a socioambiental.

Alguns pontos a serem aprofundados

Observar, participando e interagindo *face-to-face* com os catadores de Porto Alegre, fez emergir a reflexão sobre a realidade social que contém no seu interior uma grande heterogeneidade. A análise deste tipo de economia informal, de um lado, confirmou a existência de fatores que contribuem para a construção de uma imagem unidimensional e estereotipada do catador, que se torna símbolo de uma condição de desagregação socioespacial, *exclusão* e *marginalização*. Por outro lado, nos permitiu desvelar as estratégias de ação adotadas pelos catadores para resistir, apesar de sua desvantagem econômica, simultaneamente, na luta pela própria subsistência e por direitos cidadãos. Mas, a respeito das suas práticas cotidianas, trouxe também à tona as singularidades e especificidades de combinações de estratégias de ação e fatores externos que levam a surpreendentes possibilidades de luta contra os processos excludentes.

Em geral, a estrutura do mercado de reciclagem não parece colocar nenhuma condição favorável ao desenvolvimento econômico local, nem a integração dos catadores. Neste contexto econômico, situações de *exclusão* e de insegurança se perpetuam, acentuando o *status* de “náufragos do desenvolvimento” (LATOUCHE, 1993) que coloca estes protagonistas no “circuito inferior” da economia urbana (SANTOS, 1975). Ao mesmo tempo, quando o mercado parece prevalecer como forma de regulação, estes atores sociais não agem como indivíduos isolados, mas, ao contrário, articulam frágeis redes de relações, que se constituem como um fator determinante para limitar a incerteza, no que diz respeito à atividade da catação.

Da pesquisa sobre estas relações sociais que envolvem os catadores, sobre os aspectos nos quais baseiam-se as relações demonstradas e o significado que essas assumem para as pessoas que delas participam, as funções e o grau de fruição das mesmas, emergiu elementos bastante interessantes e, por vários aspectos, “promissores”, particularmente, os que

se referem às formas de associativismo vivenciadas pelos catadores no contexto urbano. A participação em associações não é explicada somente por razões “econômicas”, mas também por razões múltiplas: através dos grupos organizados, de fato, os “informais” tiveram acesso a uma série de benefícios que lhes asseguram no mínimo *estar-junto*, apesar da baixa renda. Fazer parte de uma realidade associativa parece reduzir o risco “de cair mais e mais para baixo”, concedendo aos catadores de lixo uma série de “proteções próximas” (CASTEL, 2004) e aquela estabilidade, ainda que mínima, que parece faltar aos que trabalham individualmente. Esta participação inicialmente impulsionada por uma necessidade de “reconhecimento interno”, em certos casos, redefiniu-se para outros tipos de reivindicações, entre as quais a necessidade de um “reconhecimento externo” (PIZZORNO, 2001).

Estes grupos organizados desenvolveram, de tal modo, uma capacidade mais concreta de *voz coletiva* (HIRSCHMAN, 1970), o que contribuiu para avançar, no restante da população, uma atitude de menos ceticismo no que diz respeito às suas potencialidades e à profunda reflexão acerca do modo de consumo que a atividade que desempenham traz consigo. As associações observadas, ainda que de maneira e intensidade diferentes, tornam-se assim “organizações sociais adaptáveis” (COLEMAN, 2005, p. 400), isto é, as identidades coletivas, criadas com objetivos específicos, contribuem também para outros aspectos, “vindo assim constituir o *capital social* que pode ser empregado” (p. 401). A evidência mostra que certas associações de catadores não se limitam a trabalhos de auto-regulação: mesmo fixando limites externos para se distinguir de quem trabalha de maneira independente, elas não se recusam ao encontro com quem está nas fronteiras do seu território. Esta propensão ao diálogo se manifestou entre as associações de catadores e contribuiu para criar uma identidade mais articulada, que permitiu uma síntese da complexidade e a priorização das reivindicações da categoria, assumindo um papel legitimado na interlocução com a autoridade pública local e com os atores econômicos formais, que operam no mercado dos resíduos recicláveis urbanos por meio do recente movimento social urbano, o MNCR (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis).

Diante da complexidade do universo da catação, procurou-se desenvolver neste artigo uma abordagem de análise, propondo uma leitura mais ampla desta realidade, para além da geração de renda, incorporando os laços sociais entre os catadores e a construção da identidade coletiva. Após refletir sobre as diferentes possibilidades de análise, vislumbramos uma perspectiva integradora, que congregue as múltiplas dimensões desta realidade social, como a capaz de evidenciar a riqueza desta cartografia das

relações na reciclagem que se manifesta na aparente pobreza do cotidiano de trabalho com o lixo.

Referências Bibliográficas

BAGNASCO A. (Org.) **L'altra metà dell'economia. La ricerca internazionale sull'economia informale**. Napoli: Liguori, 1986.

BOURDIEU P. **Les structures sociales de l'economie**. Editions du Seuil, 2000.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANCLINI N.G., **Consumidores e cidadãos - conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.

CASTEL R. **L'insicurezza sociale**. Turim: Einaudi, 2004.

COASE R.H. The Problem of Social Cost. In: **The Journal of Law and Economics**, 3, 1960.

COASE R.H. **The Firm, the Market and the Law**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

COLEMAN J. **Foundations of Social Theory**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1990 [trad. it., **Fondamenti di teoria sociale**, Bologna: Il Mulino, 2005].

DE SOTO H. **The Other Path**. New York: Basic Book, 1989.

EVANS P. Government Action, Social Capital and Development: Reviewing the Evidence on Synergy. In: **World Development**, 24 (6), 1986.

HART K. Informal Income opportunities and Urban Employment in Ghana. In: **Journal of Modern African Studies**, 11, 1973.

HEIDRICH Á. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: Domingues, et al.(Orgs.) **Território e desenvolvimento:diferentes abordagens**. Unioeste, 2004.

HIRSCHMAN A.O. **Ascesa e declino dell'economia dello sviluppo e altri saggi**. Turim: Rosenberg&Sellier, 1983.

HIRSCHMAN A.O. **Come far passare le riforme**. Bolonha: Il Mulino, 1990.

ILO, **Employment, Income and Equality. A Strategy for Increasing Productive Employment in Kenya**. Genebra: ILO, 1972.

LATOUCHE S. **Il pianeta dei naufraghi**. Turim: Bollati Boringhieri, 1993.

LAUTIER B. **L'économie informelle dans le Tiers Monde**. Paris: Éditions La Découverte, 2004.

- LOCKE R. **Building Trust**. Massachusetts Institute of Technology, paper. Disponível em: http://web.mit.edu/polisci/research/locke/building_trust.pdf, 2003.
- MARTINS J. **Exclusão social e nova desigualdade**. São Paulo, Ed. Paulus, 1997.
- MINAYO M. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde**. Hucitec-Abrasco, 1998.
- NADVI K., SCHMITZ H. **Industrial clusters in less developed countries: review of experiences and research agenda**. University of Sussex: Institute of Development Studies, 1994.
- PIGOU A.C. **Protective and Preferential Import Duties**. Londres: Routledge, 1968.
- PIZZORNO A. Natura della disuguaglianza, potere politico e potere privato nella società in via di globalizzazione. In: **Stato e Mercato**, n. 62, 2001.
- POLANYI K, ARENSBERG C.M., PEARSON H.W. **Trade and Market in the Early Empires. Economies in History and Theory**. Nova Iorque: The Free Press, 1957.
- PORTES A., CASTELLS M., BENTON A.L. (Orgs), **The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- PUTNAM, R. D. Tuning in, Tuning out: **The strange disappearance of social capital in America**. *Political Science & Politics*, p.664. 1993.
- SANTOS M. **Técnica, espaço, tempo - globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. **L'espace partagé**. Paris: Librairies Techniques, 1975 [trad. port.: **O espaço dividido**. São Paulo: Edusp, 2004].
- TENDLER J. **Good Government in the Tropics**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1998.